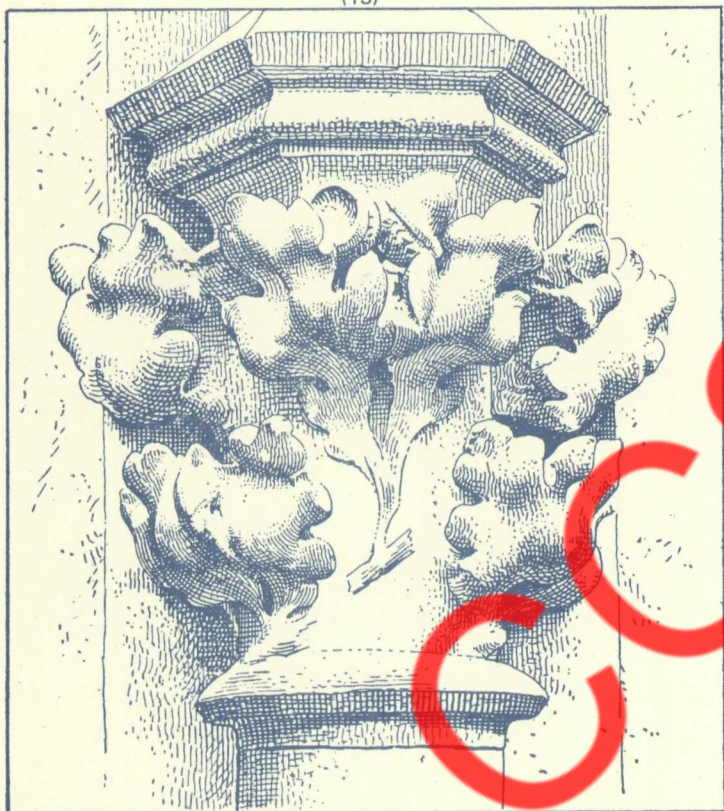


O SAGRADO EXTRATO DE UM TEXTO FORMA DO ITINERANTE

(13)

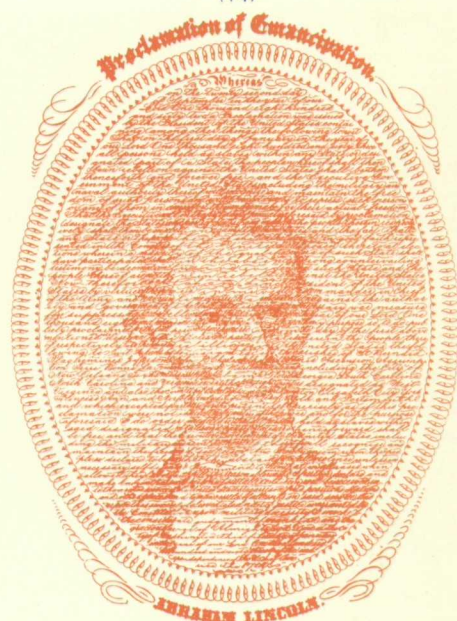


A Vinheta inscreve-se na linha primitiva da existência do ser humano. Ela não é um sinônimo, está ligada ao gesto de emergência, ao espontâneo antes do projetado, à necessidade de visualizar os primeiros e assustados minutos latejantes de vida. Aos primeiros gestos que podem e devem ter sido os primeiros contatos com as mãos como algo estranho ao corpo, nalguma parede dividida entre a luz do dia entalado nas noites. Esse estampado da epiderme sobre o raso da primeira superfície sentida, antes do primeiro sulco, da erosão, das primeiras ferramentas. Cotidiano e multiplicação na contabilidade do primeiro calendário. O movimento ainda não subordinado, a inscrição que o homem teve de deixar pelo primeiro caminho, a fim de se orientar para o próximo regresso. Marco e legado. O gráfico, quem sabe, do primeiro deslumbramento, imediatista, o medo do vácuo, espaço onde além do silêncio nada se inscrevia, a não ser o vôo estranho dos primeiros pássaros. Algo como o pranto antes da voz para a confirmação do eco, do próprio corpo e de sua desejada perpetuação.

A Vinheta nasceu aí, grafagem, marca e destino da permanência, no fluxo de vida e na urbanidade que se lhe fez urgente. Vírgula e acento tônico no trabalho civilizatório.

Os primeiros capítulos da Arte captados na História alimentam e dão ênfase ao exercício da Vinheta, na fusão da flora com o discurso estilístico dos vários

(14)



(13) CAPITEL GÓTICO
FOLHAGEM
NOTRE DAME DE CHOEUR, PARIS
Henry Martin. Le XI^{ve} siècle, em L'art
gothique, 1947.

(14) RETRATO DE ABRAHAM LINCOLN
FILIGRANA CALIGRÁFICA
SOBRE O TEXTO DE PROCLAMAÇÃO
DA EMANCIPAÇÃO AMERICANA
Le Courier, v.17, 1964.